



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

LUZ E VIDA – revista mensal de «Sociologia, Arte e Crítica»¹, publicada no **Porto**, entre Fevereiro a Julho de **1905**, sob a **direção de Ângelo Jorge**ⁱ (1883-1922). Teve por **editor Joaquim do Carmo** e totalizou **6 números**.

A *Luz e Vida* fez parte da corrente de **imprensa libertária ou anarquista** que começou a florescer em Portugal a partir de finais do século XIX (década de 70), em estreita relação (e em reação) com o consolidar da ordem liberal e as transformações económicas e sociais operadas pelo desenvolvimento do capitalismo: maior integração económica e cultural no espaço europeu, por via do fortalecimento da rede de transportes e comunicações, incremento da atividade comercial e industrial, crescimento das cidades, desenvolvimento da classe média e do operariado, propagação de novas ideias e doutrinas, proliferação de movimentos e organizações da sociedade (políticas, partidárias, cívicas, de trabalhadores, etc.).

Era uma **revista de propaganda doutrinária**, que se definia como **anti-sectária**, **anti-dogmática** e **anti-idólatra**, e estava empenhada na denúncia e explicação de toda a sorte de cangas que eram impostas ao indivíduo e à sociedade, por via institucional - ou seja, através do Estado e da Igreja -, e na **defesa de uma sociedade livre, igualitária e fraterna**. Distribuiu a sua atenção, sobretudo, por questões sociais de calibre humanitário como: a miséria e as suas consequências, a justiça, a liberdade de expressão, a condição feminina, a educação, etc. Também investiu na **divulgação do pensamento e obra de alguns autores de referência do movimento libertário europeu**: Maximo Gorki (n.º 2 e 4); Kropotkin (n.º 4); Büchner (n.º 5). Mas manteve-se **distante dos temas diretamente relacionados com o trabalho, os direitos dos trabalhadores e as suas associações profissionais ou sindicatos**.

De referir ainda a presença, em quase todos os números, de uma **secção dedicada à «Bibliografia»** com algumas “breves” referências às últimas edições recebidas, nomeadamente publicações periódicas como: o «Alérta», de Barcelos, dirigido por Domingos Ferreira (n.º 1); «O Combate», da Guarda, dirigido José Augusto de Castro (n.º 2); a revista de sociologia, sciensia e arte «Amôr e Liberdade», o quinzenário «A Humanidade», de Lisboa, o mensário do Porto «A Revista» e «A Instrução do Povo», de Lisboa (n.º 4).

PROGRAMA E COLABORADORES

A *Luz e Vida* assinalou a sua **estreia com uma homenagem a «Luisa Michel»**, **anarquista francesa**, forjada na Comuna de Paris, **recentemente falecida** por

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/luzevida/luzevida.htm>.

doença pneumónica. Uma poetisa revolucionária, elevada à condição heroica, por optar por uma participação direta na insurreição dos espoliados contra os poderosos: «*Luisa Michel de[s]ceu as escadas do seu gabinete de trabalho e surgiu na praça pública.*

Trocou o verbo pela acção.

É que no seu imaculado, ardente coração, albergava-se um amor imenso pelos fracos, pelos deserdados, pelos miseráveis, pelas vítimas de uma organização social apoiada sobre o Crime, formada pelo Roubo e pela Expoliação! Em vés de pleitear a sagrada Causa dos Sem-Pão, pena em riste, como a principio imaginára fazer, foi directamente ter com eles, despojando-se, para os ajudar, do que lhe pertencia, partilhando os seus sofrimentos, nutrindo-os com o seu pão, dando com o seu altíssimo exemplo, lições inesquecíveis de Virtude às próprias damas da aristocracia, que publicamente a elogiavam.»²

Uma incitação inesperada e cheia de significados remata a apologia da anarquista francesa: «*Luisa Michell é a santa que todos nós devemos pôr em frente aos olhos de nossas Esposas, de nossas Companheiras, – para que estudem no seu exemplo de virtude imaculada, d'abnegação, d'amor, de desinteresse extraordinário pelos Esmagados, pelos Nós, para que aprendam nas palavras altíssimas que lhe tombaram dos lábios – a ser Mulheres e Revoltadas!*»³

Perante uma proposta tão clara, não extrapolamos demasiado se considerarmos que a **consciencialização para a revolta**, para uma postura mais interventiva, foi o objetivo que orientou o programa da *Luz e Vida*. Nesse propósito formativo e pedagógico estava também implícita a necessidade de **esclarecer a opinião pública sobre a anarquia**, pois consideravam que **o mau juízo que dela se fazia resultava da manipulação dos adversários**: «*(...) os nossos inimigos acham formoso em excesso o que dizem da Anarquia os anarquistas; depois, porém, forjam uma anarquia particular e brigam contra a concção que eles, inimigos da Liberdade [...] formaram da Acracia. A Anarquia não é o que dizem os autoritários; a Anarquia é, tão só, o que dizem os Anarquistas. Por isso a amam. Por isso a defendem.*»⁴

Para cumprir o programa delineado, *A Luz e Vida* mobilizou um **número significativo de colaboradores**, que além de congregar diferentes sensibilidades sociais e matrizes doutrinárias, incluiu **alguns estrangeiros**. No que toca à participação destes, importa referir que a revista publicou artigos assinados por: **Frederico Urales**⁵ (1864-1924), «O anarquismo é a ordem» e «Para as crianças pobres» (n.º 1 e 6); **Julio Camba**⁶ (1882-1962), «Crítica literária» (n.º 2); **Kravtchinski**⁷ (1851-1985) que fez um retrato de Kropotkin carregando nos traços que o definiam como revolucionário radical e inflexível, um «ultra-anarchico» incapaz de contemporizar com outros (n.º 4); **Henri**

² Conf. «Luisa Michell», in n.º 1, p. 3.

³ Conf. Ibidem.

⁴ Conf. «A Anarquia é a ordem», in n.º 1, p. 12.

⁵ Pseudónimo usado por Juan Montseny, anarquista espanhol e sindicalista, que também assinava como Angell Cunillera.

⁶ Julio Camba Andreu, escritor e anarquista espanhol.

⁷ Sergéi Micháilovitch Kravchinski, anarquista russo, escritor.

Zisly⁸ (1872-1945), «Compagnons, le vieux monde bouge!...» (n.º 4); **Carlos Malato**⁹ (1887-1938), «Amor Livre» (n.º 5); **Jean Grave**¹⁰ (1854-1939), «A co-educação dos sexos (n.º 6); **Soledade Gustavo**¹¹, «O livro da vida» (n.º 6); bem como de «**Adam Bouvier**» (n.º 1) e «**Leifort**» (n.º 6) que não foi possível identificar. Também publicou vários poemas com a assinatura de «**Castro Alves**» (n.º 2, 4, 5 e 6), mas é duvidoso que se trate do «poeta dos escravos», o brasileiro António Frederico Castro Alves (1847-1881), à data já falecido. De resto, o último poema publicado, por sinal no último número da *Luz e Vida*, apresenta-se datado de «Matosinhos, VII-905».

A **colaboração lusa não é menos surpreendente**, pelo contrário, desde logo pela juventude dos seus elementos, muitos ainda estudantes, e também porque se fizeram figuras de peso na política nacional, em campos diversos, desempenhando funções governativas e na administração. Porque é fácil incorrer em erro, por conta dos homónimos, optou-se por apenas identificar os autores que não oferecem dúvida. Quanto aos demais, são apenas referidos pelo nome com que assinam: **Alfredo Pimenta** (1882-1950, que uns anos mais tarde se tornou líder integralista (n.º 1, 2, 3 e 4); **Tomás da Fonseca** (1877-1968), figura de proa do partido republicano, fundador do diário radical *República Portuguesa*, foi chefe de gabinete do primeiro presidente da República e senador por Viseu (n.º 1 e 6); **Campos Lima** (1887-1956), activista libertário e jornalista, desde cedo interessado pela problemática social (n.º 3 e 5); **Costa Ferreira** (1879-1922), médico e pedagogo de renome, formado em Coimbra em 1905, foi vereador republicano da Câmara Municipal de Lisboa em 1908-11, deputado da República e ministro do Fomento em 1912-13 (n.º 2); **José Augusto de Castro** (1862-1942), apresentado como «um dos melhores talentos da moderna geração literária, atual director do desassombrado semanário *O Combate*, da Guarda»¹² (n.º 6); **Eduardo d'Almeida** (n.º 1 e 4); **Joaquim Leitão**, (n.º 2); **José Agostinho** (n.º 2); **Bento Faria**, (n.º 2 e 5); **António Rodrigues** (n.º 5); **Mário** (n.º 6).

A *Luz e Vida* beneficiou ainda da **colaboração artística de Cristiano de Carvalho** (1874-1940), que se revela um retratista de grande mérito, como atestam os retratos de Gorki, de Alfredo Pimenta e de Büchner. É também da sua autoria a ilustração presente no **terceiro número, integralmente centrado na célebre lei contra os anarquistas**, de 13 de Fevereiro de 1896, que punia com a deportação para África e Timor todo aquele que «professar doutrinas anarquistas»¹³.

Uma edição carregada com «Brados d'indignação e de justiça, gritos de revolta e de maldição saídos de con[s]ciencias honestas a quem a desumanidade, a ferocidade inquisitorial da lei assassina de *13 de Fevereiro* impressionou» e que **reuniu mais de uma dezena de protestos individuais**: Fernão Botto Machado, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Alfredo Pimenta, Campos Lima, Heliodoro Salgado, Castro Alves, Bento

⁸ Activista francês do movimento naturista e anarquista individualista.

⁹ Charles Malato, anarquista francês, escritor.

¹⁰ Anarquista francês e escritor.

¹¹ Pseudónimo de Teresa Mañé, anarquista espanhola, casada com Juan Montseny (Frederico Urales).

¹² Conf. «Notas do fim. Bibliografia», n.º 2, p. 32.

¹³ Conf. «Leis de Imprensa» em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/LeisdeImprensa/LeisdeImprensa.htm>.

Faria, Ismaelita, José Augusto de Castro, José Paulo, Felizardo Lima, José Bacelar, Cruz Andrade, Abel Manços, João César, Costa Ferreira, Carlos Nobre, Papoula, Andina Liberdade, Francisco Guimarães, Cunha Ferreira, Mário, Luís Soares, Pereira de Carvalho, Angelina Vidal, Ferreira da Cunha, Domingos Ferreira, Martins Monteiro, Mateus Ruivo e Silva Fernandes.

Destaca-se ainda o «**número extraordinário dedicado às crianças e à educação libertária**», que foi anunciado no n.º 5, acompanhado do seguinte pedido da direção da revista: «de novo lembramos aos camaradas a pronta remessa de pequenas fotografias de seus filhos, afim, de, reproduzidas zincograficamente, figurarem nesse anunciado número extraordinário de *Luz e Vida*.»¹⁴

Concretizou-se na edição seguinte, o último número da revista, que chamou à primeira página o drama das **vidas destroçadas dos filhos do anarquista Bartolomeu Constantino**, condenado à deportação perpétua em Timor. Num discurso vibrante de dramatismo, que contrasta com o tom moderado habitual, responsabilizam a sociedade burguesa pela desgraça e lançam-lhe o seu anátema: «*burgueses! vimos fazer-vos nesta hora a apresentação bem solene e bem amarga d'alguns dos filhos de Bartolomeu Constantino, essa vitima inocente votada ao sacrificio em holocausto á vossa ignorância, á vossa crueldade, á vossa autoridade criminosa, ás vossas leis abjectas! Olhai-os! olhai-os bem de frente – e que o mais negro remorso turbe e desoriente as vossas almas putrefactas, o vosso cérebro degenerado pelo preconceitualismo atávico.*

*Laura, Lingg, Alberto, Acrácio, Virgílio e Antero – seis crianças que a vossa sociedade infame votou ao desprezo e ao suplicio: [...] Mas que vos importa isso, a vós, se as suas lágrimas e os seus lamentos confrangentes não chegam á mesa suntuosa dos vossos banquetes! que vos importa isso, a vós defensores d'uma sociedade monstruosa onde, dia a dia, os filhos dos pobres morrem aos centos como cães hidrófobos, privados de todo o conforto e de todo o cuidado, só para que os vossos próprios filhos comecem cedo a amar o luxo e o supérfluo, a infâmia e a deshumanidade.»*¹⁵ No final, uma nota da redação dava notícia inesperada e positiva: Bartolomeu Constantino fora devolvido à liberdade.

Depois deste número dedicado à criança, ilustrado com muitas fotografias e que «pela sua seleta colaboração literária e artística» a direção da revista confiava que seria «um seguro êxito», a *Luz e Vida* desapareceu das bancas.

Resta referir que estamos perante uma publicação de formato reduzido, com 16 páginas, onde o texto se distribuía por uma coluna única. Parca em imagens e grafismos, também não apresentava publicidade. Praticava numeração contínua de páginas. Era impressa na **Tipografia Universal**, com sede na Travessa de Cedofeita, 54. Não há qualquer informação sobre os pontos de venda, nem sobre o precário praticado – o que escapa ao comum.

Rita Correia, 05/05/2015

¹⁴ Conf. «Notas do fim», in n.º 5, p. 85.

¹⁵ Conf. «Os filhos de um condenado.», n.º 6, pp. 85-86.

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

BRITO, António Paula – «Bartolomeu Constantino», in *Olhão para o Cidadão*, site da APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão, acessível em: http://www.olhao.web.pt/Personalidades/bartolomeu_constantino.htm (Consultado a 26/05/2015).

FREIRE, João – «Revistas Anarquistas Portuguesas: entre a política e a cultura», conferencia apresentada no *Seminário Livre de História das Ideias* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, s.d., acessível na internet em: http://www.slhi.pt/iniciativas-resultados/12/page/23/0?field_anos_tid=All [Consultada a 24/05/2015].

OLIVEIRA, César – «Imprensa Operária no Portugal Oitocentista: de 1825-1905», in *Análise Social*, n.º 39, de 1973, pp. 552-577. Acessível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223893361M8uIP3xl4Hx87LL1.pdf> [Consultada a 22/05/2015].

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo – Editores e Livreiros, 1996. ISBN 972-8178-08-5.

ⁱ Ângelo Jorge (1883-1922) - Escritor e jornalista, nascido no Porto a 4 de Setembro de 1883. Quando tinha 9 anos de idade foi com a família para o Brasil, onde pouco tempo começou a revelar o seu interesse pela literatura e se estreou como escritor. O ano de 1901 trouxe-o de regresso a Portugal e não é difícil de seguir o seu rasto na imprensa, nomeadamente do Porto, e conectar as suas motivações e interesses. Foi colaborador de: *A Boémia, Revista; literária e de crítica social* (Porto, 1901-1902); *Alma Nova. Mensário d'Arte* (Porto, 1903); *Livres. Revista bimensal de literatura e crítica* (Porto, 1903-1907); *A Vida* (Porto, 1905-1910; *Semana Azul* (Porto, 1906-1907); *Ilustração Popular. Semanário de vulgarização artística, literária e científica* (Porto, 1908-1909); *O Vegetariano. Órgão da Sociedade Vegetariana* (Porto, 1909-1935); *Letras e Sport. Revista literária, sportiva e teatral* (Porto, 1910); *A Voz do Leça. Jornal literário semanal* (São Mamede de Infesta, 1910-1911); *Ideia Livre. Mensário de ideias, factos e comentários* (Porto, 1911-1916); *Vimaranense. Semanário independente, literário, noticioso e defensor dos interesses locais* (Guimarães, 1915-1919) *Alma Latina. Revista de literatura e arte* (Vila Nova de Gaia, 1918). Dirigiu *A Boémia. Revista Literária, biográfica e de crítica social* (Porto, 1901-1902) e *Gonçalves Dias. Número único dedicado à memória do malogrado escritor* (Porto, 1903). Também deixou publicada alguma obra em poesia, ficção e ensaio. Faleceu a 17 de Novembro de 1922.